

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Associação Cultural do Negro (1954-1976): um esboço histórico

Petrônio Domingues¹

Resumo

A proposta desta pesquisa é recuperar a experiência da Associação Cultural do Negro (ACN), entidade fundada em São Paulo, em 28 de dezembro de 1954. A ACN desenvolveu muitas ações de caráter recreativo e, principalmente, cultural (como bailes, festivais, apresentações teatrais, musicais, declamações poéticas, palestras).

Palavras-chave: negros; relações raciais; movimento de consciência negra.

Abstract

This research's objective is recovering the *Associação Cultural do Negro* (ACN)'s experience, entity founded in São Paulo, December 28, 1954. The ACN developed a lot of entertaining actions and, mainly, cultural ones (such as balls, festivals, theater and musical presentations, poetical declamations, lectures).

Keywords: black people, racial relationships; black consciousness movement.

Esta pesquisa ainda está em curso e o que vai ser apresentado aqui não é nada conclusivo; pelo contrário, são questões preliminares. Elas foram formuladas a partir da consulta da Coleção Associação Cultural do Negro – SP (ACN), mantida pela Unidade Especial de Informação e Memória – UEIM e vinculada ao Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UFSCAR). A Coleção ACN reúne 4 280 documentos de diversos tipos (textuais, como estatutos, atas, ofícios, relatórios, correspondências, jornais alternativos, fichas, recortes; visuais, como fotos, folders; materiais especiais, como objetos tridimensionais), produzidos durante o período em que a organização esteve em atividade.

O início

Na noite de 28 de dezembro de 1954, reuniu-se num salão da Rua Augusta, na capital paulista, vinte três homens (Geraldo Campos de Oliveira, José Correia Leite, José Assis Barbosa, Américo dos Santos, entres outros) e duas mulheres (Maria Helena Lucas Barbosa e Mary de Oliveira). Todos eram “de cor”, como se dizia na época. A reunião foi presidida por

¹ Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Doutor em História/USP.

Manassés de Oliveira e secretariada por Maria Helena Lucas Barbosa. Depois de uma ampla discussão, foi deliberada a fundação de uma “entidade destinada a congregar as pessoas interessadas no movimento de coordenação, esclarecimento, dentro do campo econômico, cultural, político e social, a base de arregimentação de famílias, que tivesse por finalidade fundamental a desmarginalização e recuperação social de todos os elementos que vivem em situação marginal, principalmente o negro”.

Cabe aqui uma breve advertência. Embora tivesse sido lavrada na ata de fundação que a ACN tinha a perspectiva de atuar pela “recuperação social de todos os elementos que vivem em situação marginal”, não foi isso o que aconteceu na prática social. Ao longo de sua trajetória, ela caracterizou-se por ser uma organização em defesa dos direitos dos negros e não “de todos os elementos que vivem em situação marginal”.

Um dos fundadores da ACN chama à atenção, José Correia Leite, por sua longa trajetória de militância em prol da causa negra em São Paulo. Em 1924, ele e Jayme de Aguiar criaram *O Clarim da Alvorada*, um dos mais importantes jornais da chamada imprensa negra. No início da década de 1930, participou da articulação que resultou na fundação da Frente Negra Brasileira, considerada a mais importante entidade negra da primeira metade do século XX. Porém, por divergências político-ideológicas, afastou-se dela logo na fase inicial. A partir de então, contribuiu no soerguimento do Clube Negro de Cultural Social e, na década de 1940, na formação da Associação dos Negros Brasileiros. Portanto, Correia Leite era um militante experiente na década de 1950.

Na reunião de fundação, o nome Associação Cultural do Negro foi aceito por unanimidade, pois se acreditava estar na educação, na cultura e na preservação da memória do negro o caminho para valorização e conquista da cidadania desse segmento populacional. Em 1956, João Vicente Ferreira propôs que o nome da entidade mudasse para Associação Cultural Theodoro Sampaio. Depois de uma ampla discussão, a proposta foi rejeitada, sob a alegação de que Theodoro Sampaio era um nome desconhecido entre os ‘afro-brasileiros’.²

O desenvolvimento e apogeu

A Associação Cultural do Negro iniciou suas atividades em 1955, depois da aprovação do Estatuto Social. No primeiro artigo deste documento, ficava estabelecido que a ACN era

² Pedido de demissão do cargo de membro do Conselho Superior de João Vicente Ferreira. São Paulo, 11.06.1956. Pasta 04. Conselho Superior – Correspondência. Coleção ACN. Acervo da UEIM-UFSCar.

uma sociedade civil, com a “finalidade de propugnar pela recuperação social do elemento afro-brasileiro”. No terceiro artigo, ficava estipulado que a entidade visava:

a) coordenar, esclarecer e orientar em todas as atividades de caráter econômico, educacional, cultural, político e social, o elemento negro preferencialmente; b) estimular e desenvolver o pensamento cooperativista, procurando instituir cooperativas econômicas e culturais, principalmente cooperativas de ensino; c) promover, na medida de suas possibilidades financeiras, a prestação de serviços de assistência social e jurídica; d) estimular a arregimentação à base de famílias, para um maior congregamento, no sentido do permanente espírito de solidariedade e fraternidade; e) dedicar especial atenção e amparo à mulher e à infância de maneira a consolidar as bases da educação como fator fundamental da recuperação social do elemento afro-brasileiro.

A ACN tinha uma organização político-administrativa centralizada, formada por dois órgãos diretivos. Um Conselho Superior, incumbido da “direção coordenadora, consultiva e deliberativa”, com vinte e cinco membros; e uma Diretoria Executiva, responsável pela efetiva administração da entidade e por sua representação legal, com sete membros escolhidos entre os componentes do Conselho. A Diretoria Executiva era constituída pelos seguintes cargos: presidente, vice-presidente, secretário geral, 1º. e 2º. secretários, 1º. e 2º. tesoureiros.

Os conselheiros poderiam ser homens e mulheres, tendo em vista que a ACN não impunha barreira de gênero à participação nos cargos de direção. Ao longo de sua trajetória, algumas mulheres atuaram como secretárias, tesoureiras e até mesmo conselheiras. Para facilitar a administração burocrática e execução dos projetos, a ACN dividia-se em departamentos. Havia o Departamento de Educação e Cultura, o de Esportes, o de Finanças, o de Recreação, o Social, o Estudantil, o Feminino e o da Sede Própria.

Em seus vinte e dois anos de existência, a ACN oscilou períodos de agito e intensa atividade (sobretudo na segunda metade da década de 1950) e outros marcados pelo refluxo e esvaziamento (quase toda década de 60 e 70).

A ACN organizou, fomentou ou participou de diversos eventos, sempre almejando alcançar seu objetivo precípua de “recuperação social do elemento afro-brasileiro”, a partir da cultura, das artes e da educação. Criou um coral, promovia semanalmente palestras, denominadas “Os encontros de Cultura Negra”, desenvolveu um projeto para a implantação de um centro cultural em sua sede, formou uma biblioteca para uso de seus associados, publicou os “Cadernos de Cultura” e um jornal intitulado *O Mutirão*. Em seu primeiro

número, José Correia Leite – em nome do Conselho Superior da ACN – saudou a iniciativa do grupo de jovens que publicava o jornal:

Sejam as palavras do Conselho Superior da A.C.N. uma saudação do regozijo a essa “Juventude Estudantil” que, hoje, nos brinda com o primeiro fruto de seus esforços. *Esses esforços também são frutos de um idealismo, por isso, não temos dúvidas que o aparecimento de “O MUTIRÃO” é um acontecimento novo no meio associativo da A.C.N., e que por certo, marcará uma época. [...] Oportunidades não faltam à nossa juventude para prestar bons serviços à nossa coletividade. E servindo o bem coletivo, a mocidade serve-se a si mesma. Que seja pois “O MUTIRÃO”, o reflexo da inteligência e da capacidade desses moços e moças que integram a direção deste pequeno jornal (O Mutirão. São Paulo, 05.1958, p. 1).*

De todos os eventos promovidos pela ACN, a comemoração dos setenta anos da abolição foi um dos maiores, senão o de maior envergadura. Com uma programação extensa, a comemoração previa a realização de bailes, recitais de poesia, apresentações teatrais, de jogos, de uma competição atlética – a III Volta Pedestre 13 de Maio –, de um ciclo de conferências – sobre André Rebouças, Castro Alves, o abolicionismo em São Paulo, o movimento teatral do negro brasileiro – e festejos relacionados ao centenário de nascimento do poeta Cruz e Souza.

A entidade empenhava-se por manter viva a memória de grandes personalidades negras, sendo Luís Gama – o patrono da entidade – Cruz e Souza, Teodoro Sampaio, André Rebouças os mais celebrados.

No seu apogeu, chegou a ter mais de 700 sócios. Tinha entre seus afiliados membros hoje conhecidos, como o bibliófilo José Mindlin, os sociólogos Florestan Fernandes e Otávio Ianni. O penúltimo, inclusive, tornou-se o representante da entidade para fins culturais.

Embora sediada em São Paulo, a ACN estabeleceu intercâmbio com muitas entidades negras do interior paulista, nas cidades de Campinas, Piracicaba, Araraquara, São Vicente, entre outras.

A entidade buscou ficar em sintonia com tudo o que acontecia ao negro no Brasil e no mundo e, quando necessário, posicionava-se em defesa dele. Ela se manifestou contra vários casos de discriminação racial no Brasil. Pode-se dizer, inclusive, que sua atuação tinha uma perspectiva diaspórica, daí ela ter se posicionado em defesa dos negros dos Estados Unidos e do outro lado do Atlântico.

Em 1957, alguns conflitos explodiram nos Estados Unidos, originados pela aplicação de uma lei que determinava o fim do segregacionismo racial nas escolas. A ACN organizou um ato de solidariedade aos negros estadunidenses e, ao mesmo tempo, enviou uma carta ao

então presidente Dwight Eisenhower, congratulando-o por sua posição favorável à integração racial. Em 1960, a entidade promoveu um ato público em apoio aos negros que estavam sendo vítimas de violência na África do Sul e, em 1961, liderou os protestos a favor dos refugiados e mortos na luta pela liberação nacional de Angola.

O declínio e o fim

No início da década de 1960, as atividades da ACN começaram a diminuir, perdendo um pouco de seu potencial mobilizador. Com a instauração da ditadura militar em 1964, o processo de desmobilização se acentuou e a crise financeira tornou-se insolúvel. Sem recursos para saldar as várias dívidas, a entidade foi obrigada a fechar suas portas em 1967. Quase dois anos depois, foi reaberta, mas sem o mesmo perfil e poder de articulação. Nessa nova fase, a ACN foi presidida por Gilcéria Oliveira e passou a desenvolver ações de cunho assistencialista, com cursos de alfabetização e madureza. Continuaram as atividades desportivas e as comemorações do 13 de Maio, mas sem o mesmo vigor e espírito reivindicativo.

Do período de reabertura até a sua extinção, a ACN não mais emplacou. Seu quadro de associados ficou bastante reduzido. Mantendo-se precariamente, ela não conseguiu promover os eventos que tradicionalmente caracterizaram a entidade, tampouco as manifestações públicas em prol da valorização e integração do negro na sociedade brasileira.

A partir dos livros-caixa e das correspondências, pode-se atestar os problemas financeiros enfrentados pela ACN desde sua reabertura. Em 1975, Gilcéria Oliveira notificou aos associados à mudança de sede da entidade e os motivos que a levaram a adotar tal medida: “lamentavelmente tivemos que entregar nossa sede [...] pela dificuldade financeira que estamos enfrentando e também pela falta de colaboração humana”. Em julho de 1976, por falta de “elemento humano e recursos financeiro”, a Associação Cultural do Negro encerrou suas atividades. Uma carta de sua presidente aos associados selava, definitivamente, o final de uma trajetória de luta:

Vimos pela presente, comunicar-lhe que não havendo mais condições para continuarmos os trabalhos na Associação Cultural do Negro – SP, decidimos encerrar suas atividades, em caráter definitivo e irrevogável [...]. Lamentavelmente não vamos continuar porque não contamos com elemento humano e nem temos recurso financeiros.

O fechamento em definitivo causou repercussão entre os membros da ACN. Um deles, José Mindlin, respondeu a carta de Gilcéria Oliveira para se pronunciar a respeito: “Prezada senhora [...] só posso dizer que lamento profundamente que os amigos tenham sido levados a uma tal decisão, pois a Associação vinha fazendo um trabalho extremamente útil e meritório”.

Inconclusões

Durante seu período de existência, a ACN realizou um trabalho de mobilização e valorização do negro, procurando conscientizá-lo de sua história, de sua identidade e de seus direitos de cidadão. Do ponto de vista estratégico, sua prioridade foi atuar no terreno cultural e lúdico, promovendo palestras, cursos, apresentações teatrais, recitais de poesia, festivais, bailes, competições desportivas; publicando livros e um jornal. Acreditava-se que o negro venceria na vida à medida que conseguisse elevar seu nível cultural.

A Coleção Associação Cultural do Negro – SP é formada por 4 280 documentos de diversos tipos e que só agora está sendo explorada por meio de uma pesquisa. Dada à riqueza dessa documentação, espera-se que num futuro próximo novas questões venham a lume para compor um quadro mais completo acerca da trajetória de uma importante entidade negra. Na conjuntura atual, em que se discute tanto os direitos dos afro-brasileiros no concerto da nação, por meio de ações afirmativas, cotas, etc, faz-se necessário lembrar que essa luta é antiga e a Associação Cultural do Negro nela merece um papel de destaque.